

# Para encher comício, Mestrinho distribui TVs a cores

(Continuação da primeira página)

Os oposicionistas não se dão por vencidos. Apegam-se ao exemplo de 1986, quando o mesmo Ibope custou a apontar a vitória de Artur Virgílio sobre Mestrinho, para garantirem que o quadro não está definido. Mas o fato é que Mestrinho, sem perder nenhuma das características que, a partir do final da década de 50, o transformaram em personagem de algumas das histórias mais pitorescas da política brasileira, continua exibindo um invejável cacife eleitoral. Pele morena de caboclo amazonense, ele tinge os poucos fios de cabelos e os penteia com gomalina. Nos comícios, só aparece vestindo uma camisa vermelha, sua marca registrada. A fala é mansa, e os discursos começam invariavelmente com o brado "Amazonenses...". Tudo isso misturado dá no estilo populista que, aliado a um inegável carisma, transforma-o numa espécie de pai aos olhos do humilde eleitorado amazonense.

Um de seus temas recorrentes na atual campanha é bater no Ibama — o Instituto Brasileiro de Meio Ambiente e Recursos Renováveis, órgão federal encarregado das questões ecológicas. Segundo Mestrinho, o Ibama está impedindo os homens do campo de cultivarem sua roça e de pescarem. "No meu governo, o pescador, o agricultor e o trabalhador rural não vão ficar sujeitos a este absurdo que o Ibama faz", prometeu ele em Lábrea, quase na fronteira com o Acre. "Todas as vezes que eu souber de uma violência do delegado do Ibama, eu o levo para o xadrez de Manaus".

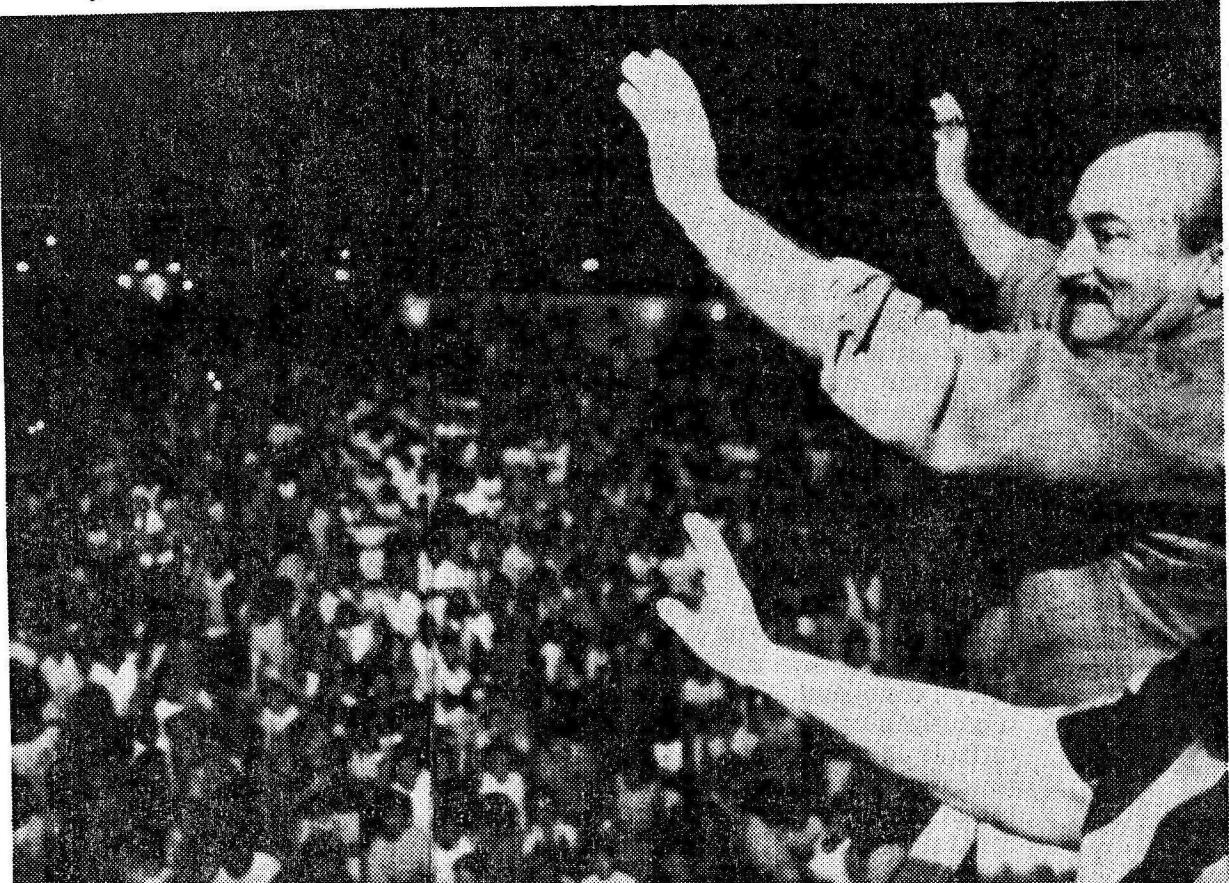
Não se duvide dele. Em 1986, quando era governador, ao suspeitar que a Polícia Federal estava beneficiando seus adversários, recolhendo seus carros de campanha, ele simplesmente mandou a PM cercar a sede da Superintendência da PF. O conflito armado — ambos os lados de metralhadora em punho — esteve por um fio. Na verdade, Mestrinho tem na biografia episódios que não revelam apenas audácia — alguns até ferem frontalmente as leis em vigor. Como governador, por exemplo, ele liberou o jogo do bicho no estado,

alegando que ele "existe desde o tempo do Barão de Mauá e o próprio governo fez o dele". Ao mesmo tempo, deixou de reprimir o cassino que, em Manaus, funciona livremente. "No Rio e em São Paulo também tem cassinos funcionando, só os cegos não enxergam", defende-se Mestrinho. Acresce que, por coincidência o cassino de Manaus é explorado pelo próprio irmão do ex e futuro governador, Thomé Mestrinho.

A derrota de 1988 mexeu nos seus brios e fez com que desta vez trabalhasse duro. Desde abril de 1989 ele percorre os 62 municípios do estado, realizando reuniões políticas. Recorreu a Acioly, o compositor responsável pelo jingle da campanha do PT à Presidência no ano passado — *Lula-lá* — para compor a música de sua campanha. Para ajudá-lo na estratégia de campanha, aproximou-se de Gilberto Miranda, um suplente de senador, que, segundo consta no Amazonas, foi um dos responsáveis pela entrada da ex-namorada de Lula, Miriam Cordeiro, na campanha em favor de Fernando Collor. Enfim, neste final da campanha, trocou as lanchas voadeiras por um jato Citation, apesar do seu pavor por aviões.

Mestrinho tem o apoio concreto dos principais empresários da zona franca. Seis motoristas à disposição da sua campanha, por exemplo, foram cedidos pela Construtora Comage, a mesma à qual o ex-governador Amazonino Mendes, sucessor de Mestrinho, antes de se desincompatibilizar para concorrer ao Senado, entregou a construção do Sambódromo de Manaus — uma obra avaliada em US\$ 62 milhões.

Se no país inteiro são conhecidos os candidatos que usam claque de militantes para encherem os comícios, ou então contratam cantores populares, a campanha de Mestrinho preferiu inovar. Além das tradicionais camisetas e bonés, ele adotou um outro tipo de apelo para atrair os eleitores pobres aos seus comícios: sorteia sempre dois TVs a cores. Outra invenção, adotada pelo governo estadual — dominado



Mestrinho, com 30 anos de política no Amazonas, mantém o mesmo carisma

Manaus - Stefan Kolumban/F4



Virgílio (E) e Alecrim (C) não se dão por vencidos e apostam em um segundo turno

por seus aliados — é o *sacolão do rancho*, prática que consiste na distribuição mensal, no estádio Vivaldo Lima, de 90 mil sacolas com gêneros alimentícios para a população carente.

No vale-tudo da disputa dos votos, inclui-se até presentear mulheres com uma operação de ligação das trompas na Maternidade Ana Néri, de Manaus. Denúncia nesse sentido foi apresentada, com o apoio de cenas filmadas, pela campanha de Wilson Alecrim. Um detalhe: a maternidade, que Mestrinho inaugurou no seu primeiro governo com o nome de sua mãe, e os governos pós 64 rebatizaram, encontra-se interditada por falta de condições físicas.

Como será o relacionamento de Mestrinho com o governo Collor? "Acho que vou me dar bem com ele pois o que eu quero é uma vida melhor para o povo do Amazonas e o desenvolvimento daqui, o que ele também quer", diz o candidato. É de se prever, porém, pelo menos duas questões problemáticas. A primeira é a Zona Franca de Manaus, que, com suas 870 indústrias, está seriamente ameaçada com a política de liberação das importações. Mestrinho quer que o governo compatibilize sua política econômica com a sobrevivência da região. Outra é a questão ambiental.

O Boto está convencido de que, atrás da atual defesa da ecologia — que ele chama de "molecagem ecológica" — residem inconfessáveis interesses econômicos estrangeiros. "O negócio de peles, anualmente, é de US\$ 7 milhões", explica. "Por que todos os países permitem a caça, regulamentada e em temporadas, e no Brasil ela é proibida? Porque se entrarmos nesse comércio eles perdem o mercado". Na sua visão, ninguém está defendendo nada da Amazônia — "mas sim o bem estar e o interesse de pessoas lá de fora". Mestrinho não será um governador fácil de segurar, num momento em que o Brasil encontra-se em pleno processo de reversão de sua imagem de desrespeitador do meio-ambiente e pedrador da natureza. (M.A.)